Improvisação metodológica no ensino superior: construindo conhecimentos nas “narrativas de si”

Jéssica de Almeida

Universidade Federal de Roraima
jessica.almeida@ufr.br

Ana Lúcia Louro

Universidade Federal de Santa Maria
analouro@brturbo.com.br

Comunicação

Resumo: O relato de experiência a seguir trata de uma nova abordagem metodológica para o ensino superior baseada em uma improvisação sobre estudos teóricos e narrativas de acadêmicos de dois cursos de licenciatura em música do país (regiões Norte e Sul). Partindo de uma exploração entre teorias do cotidiano (SOUZA, 2013), teorias da sociologia da música (KRAEMER, 2000) e estudos (auto)biográficos (DOMINICÉ, JOSSO, 2004; 2008; 2010), inspiramo-nos no planejamento da improvisação musical presente em Koellreutter (BRITO, 2011) para desenvolvermos essa nova perspectiva metodológica. A partir dos relatos sobre o uso da metodologia em dois contextos distintos, objetivamos contribuir para um pensamento intersubjetivo para a formação de professores. Neste, o encontro entre “narrativas de si” e estudos do campo da Educação Musical, mostra-se um importante fio condutor para reflexões sobre o vivido e aquisições de novas aprendizagens.

Palavras-chave: Ensino Superior; Improvisação Metodológica; Narrativas de Si.

Introdução

A aprendizagem musical sempre inclui a própria experiência com a música. A base para essas experiências é o mundo da vida que pode ser considerado em três níveis: a) as experiências subjetivas dos alunos, que em geral não são refletidas; o mundo cotidiano daqueles que se ocupam com música; b) as experiências básicas humanas que são universais, e que geralmente são conceitos abstraídos do cotidiano; c) a música como reflexo da vida e o mundo da vida *na* música. (SOUZA, 2013, p. 18 – grifos da autora).

A partir dessa premissa, desenvolvemos este relato de experiência buscando articular três questões: 1. Como responder aos desafios do mundo complexo em que vivemos no contexto do ensino superior? 2. De que maneira as teorias do cotidiano podem nos auxiliar

neste processo? 3. Como a abordagem da improvisação metodológica, tema deste estudo, bebe dessa perspectiva do cotidiano e se articula a estudos (auto)biográficos?

Para estudarmos essas questões, dividimos o texto em quatro partes: 1. Improvisação metodológica como resposta ao desafio do cotidiano; 2. A improvisação musical como inspiração para o desenvolvimento de uma metodologia para o ensino superior; 3. A improvisação metodológica: conteúdos e experiências reais a partir de “narrativas de si”; e 4. Improvisação metodológica: treze anos de experiência em uma universidade do Sul do país; novas perspectivas para uma universidade do Norte do país.

Improvisação metodológica como resposta ao desafio do cotidiano

Comecei a ensinar teoria básica e flauta na igreja. Hoje meus filhos também ensinam prática instrumental [...] O meu propósito e desejo em cursar música é obter mais conhecimentos para poder ensinar a outros a Obra de Deus.

[...] meu marido [...] sugeriu que eu começasse a dar aula também, aí começou minha vida de professora de música. Comecei dando aulas particulares de piano, teclado e depois de um tempo de flauta doce e teoria musical.

Foi difícil encarar tanta teoria pedagógica e trabalho científico no começo [...] Aos poucos fui me acostumando com a ideia de ser professor.

Após duas graduações distintas, estou cursando Licenciatura em Música no momento. Confesso que o intenso exercício da profissão de Pedagoga ao longo destes 22 anos em sala de aula me tirou as forças, a saúde, a vitalidade física, mas nunca os sonhos.

Essas narrativas são exemplos das diferentes motivações de acadêmicos para cursar Licenciatura em Música. Ao longo de mais de treze anos de experiência (autora 2) ou mesmo na recente prática pedagógica no ensino superior (autora 1), são constatadas trajetórias de vida plurais onde a música e o seu ensino se fizeram presentes de maneiras diferenciadas. O professor do ensino superior depara-se com o desafio de, a partir de diferentes motivações e pré-concepções sobre a docência em música, desenvolver diferentes competências e habilidades pedagógico-musicais dialogadas com os possíveis contextos de atuação.

A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho que considerasse a pluralidade de experiências musicais que motivaram os acadêmicos a optarem pelo curso. Uma experiência pré-teórica capaz de organizar o modo de ver o mundo, levando a uma aula que parte da experiência prévia dos discentes, concepção próxima às teorias do cotidiano apresentadas por Souza (2013). Tais discussões contribuem no sentido de ampliar o entendimento sobre o “cotidiano” no ensino superior para além das preferências musicais dos alunos. Aqui, consideramos o estudo do cotidiano em sua complexidade, concordando com a autora, na relação teoria-prática, entre os diferentes saberes que permeiam a formação docente. Trabalhar nessa perspectiva, tanto em pesquisa como em situações

pedagógicas, significa não fazer juízo de valores apressados, sejam negativos ou positivos; significa um exercício de vigilância, de lapidação, de abertura epistemológica para transformações, rupturas e redefinições que o real nos apresenta e com o que nos desafia. Em uma sociedade cada vez mais complexa, marcada pelas transformações tecnológicas que rapidamente se incorporam ao dia a dia das pessoas, educar para a vida cotidiana, para os novos usos de objetos, para as novas formas de comunicação e de relações mediadas pelos novos aparatos torna-se essencial. (SOUZA, 2013, p. 25).

Nesta direção, propomos uma improvisação metodológica partindo das narrativas dos professores em formação. Além de a aula passar a se centrar nos alunos, tomamos os estudos teóricos propostos pela disciplina como base para uma improvisação metodológica delineada na partilha de experiências dos discentes. Este tipo de construção está em consonância com o estudo de Kraemer (2000), já que também considera os aspectos de apropriação e transmissão da música entre pessoa(s) e a(s) música(s), além de narrativas sobre a prática músico-educacional em contextos escolares e não escolares.

A improvisação musical como inspiração para o desenvolvimento de uma metodologia para o ensino superior

Mais do que metáfora, buscamos transcender a concepção de improvisação para além da música, para que ela ocupe um lugar central no desenvolvimento da metodologia proposta, uma espinha dorsal que estrutura o caminho entre memórias com a música e seu ensino, a

reflexão e a aquisição de novos conhecimentos. Brito (2011), ao compartilhar os ensinamentos de Koellreutter, apresenta um entendimento de improvisação válido para nosso relato: nela, há uma busca por vivências que desenvolvem competências, não apenas habilidades. O educador alerta: “Não há nada que precise ser mais planejado do que uma improvisação” (p. 47). Entre as atividades que constituem a improvisação na concepção de Koellreutter, destaca-se traçar objetivos, elaborar um roteiro, ensaiar, experimentar, refazer, avaliar, ouvir e criticar. Nos jogos propostos pelo educador os alunos vivenciam e conscientizam aspectos musicais fundamentais, incentivando a reflexão.

Em nossa proposta, diversos objetivos delineiam as atividades que compõem a metodologia. Em um primeiro estágio, busca-se a apreciação e reflexão sobre cada história de vida, onde cada participante ocupa o lugar de sujeito de sua própria formação. Neste movimento, investiga episódios e músicas de sua vida com a finalidade de compreender o hoje, a passagem pela academia e as plurais experiências que o constitui músico e docente em um *continuum*.

Em um segundo momento, objetivamos a conscientização de tais experiências, visualizando-as em um saber-fazer (JOSSO, 2004): inicialmente, as memórias passam a existir quando narradas – em um contexto, para determinadas pessoas, atendendo a objetivos voltados às disciplinas onde a metodologia está sendo utilizada. Depois, alguns episódios se tornam relevantes a outros e são olhados refletindo sobre o que os narradores foram e sobre o que se tornaram. Essa constante revisitação, por fim, leva a um questionamento sobre o porquê de tais relevâncias. Logo, os olhares sobre a memória vão se modificando, imersos de novos contextos e experiências (academia, espaços de atuação, novas vivências).

Um possível resultado da participação em disciplinas que fazem uso desta improvisação metodológica são as novas dimensões para o vivido. Quando as memórias são dialogadas com estudos e autores que tratam das temáticas narradas, apresenta-se uma nova roupagem para tais experiências. As narrativas são estudadas, aprofundadas e dialogadas resultando em novas aprendizagens. Aqui, mais uma vez, nos deparamos com um preceito de Koellreutter, que defendia “a integração entre os níveis sensível e intelectual de um lado,

musical e humano, de outro”. Ou seja, a integração entre memórias e estudos científicos sobre a música e seu aprendizado.

Apesar de a improvisação baseada no fazer e na análise crítica proposta por Koellreutter objetivar o processo de formação musical, na improvisação metodológica discutida nesse texto buscamos conexões entre as narrativas e o estudo teórico de temas que delas emergiram. Essas duas atividades caminham juntas quando se tem uma metodologia mais subjetiva e atenta ao aluno, já que a análise crítica é desenvolvida sobre as histórias de vida de cada acadêmico, memórias narradas, fazeres conscientizados e novas propostas de realizações. A própria definição de consciência de Koellreutter reflete este movimento considerando a

capacidade do homem de apreender os sistemas de relações que o determinam: as relações de um dado objeto ou processo a ser conscientizado com o meio ambiente e o eu que o apreende; não se refere à consciência como conhecimento formal, nem como mero conhecimento ou qualquer processo de pensamento, mas, sim, como uma forma de inter-relacionamento constante, como um ato criativo de integração (BRITO, 2011, p. 49).

Este movimento constante contextualizado por um meio ambiente e por um agente de tal conscientização, parece dialogar com o potencial formativo das histórias de vida discutido em Josso (2008). A autora considera a narrativa de história de vida atrelada à existencialidade do conhecimento de si na busca da reflexão de seu autor e da “[...] tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação” (JOSSO, 2008, p.11). Com esse intuito, relatam-se, nessa história, as experiências de aprendizagem “[...] mediante seu modo de operar escolhas, de se situar em seus vínculos e de definir seus interesses, nas valorizações e aspirações” (JOSSO, 2008, p.11).

A improvisação metodológica: conteúdos e experiências reais a partir de “narrativas de si”

Dewey faz um alerta, porém, de que nem toda a experiência é educativa. Existem as deseducativas, inclusive, quando impedem futuras e novas experiências. Ou seja, tudo depende da qualidade da experiência, como ele próprio diz. Fala de dois aspectos da experiência: o

impacto agradável ou desagradável e o segundo sobre a influência em experiências posteriores. Por isso, as atividades educativas deveriam preparar o educando para experiências futuras.

Esta proposta de improvisação metodológica baseia-se em experiências, no que ficou em cada acadêmico. Quando, nas disciplinas, exigimos uma produção, seja ela um trabalho final de semestre ou até um projeto de conclusão de curso, buscamos preparar os alunos para futuras experiências a partir das memórias que eles julgaram importante narrar, que tiveram, de alguma forma, impacto em suas formações docentes (mesmo que iniciais).

Ainda, segundo Dewey, quando analisamos a teoria da experiência, é possível direcionar sua aplicação. Outro ponto a destacar é a característica do hábito, onde

toda ação praticada ou sofrida em uma experiência modifica quem a pratica e quem a sofre, ao mesmo tempo em que essa modificação afeta, quer queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois, ao ser modificada pelas experiências anteriores, de algum modo, será outra a pessoa que passará pelas novas experiências. (DEWEY, 2011, p. 35).

Isso é possível, segundo Josso (2010), através de um processo intelectual entre ter experiências, fazer experiências e pensar sobre as experiências. Ou seja, a continuidade de uma experiência significa que ela toma algo de experiências passadas ou modifica a qualidade de experiências futuras.

Sobre o papel do educador nesse processo, Dewey fala que sua tarefa é “ver em que direção caminha uma experiência [...] Além disso, ele deve possuir aquela compreensão e simpatia pelos indivíduos enquanto indivíduos que o possibilitem ter uma ideia do que está realmente se passando pela mente dos que estão aprendendo”. (DEWEY, 2011, p. 38-39). Também destaca que a experiência se dá em um contexto e que é responsabilidade do educador atentar para as questões que modelam a experiência presente, reconhecendo que as circunstâncias deste contexto conduzem a experiências para o crescimento. Por isso, é fundamental extrair do meio tudo que possa contribuir para o desenvolvimento de experiências válidas.

Outro ponto consonante às nossas aspirações metodológicas para o ensino superior encontra-se no seguinte fragmento:

É possível estruturar esquemas de educação que, sistematicamente, subordinem as condições objetivas às condições próprias do indivíduo a ser educado. Isso acontece toda vez que o lugar e a função do professor, dos livros, dos aparelhos e equipamentos, de tudo o que representa os produtos da experiência mais madura dos adultos são sistematicamente subordinados às inclinações imediatas e aos sentimentos dos jovens. Toda teoria que assume que só é possível dar a devida importância aos fatores objetivos pela imposição do controle externo, tem como base a noção de que a experiência só é verdadeira quando as condições objetivas estão subordinadas ao que ocorre no interior dos indivíduos que passam pela experiência. (DEWEY, 2011, p. 41-42).

Tomando como objeto de estudo fragmentos de histórias de vida dos acadêmicos, delineamos a metodologia da aula em função do aspecto formativo que poderá ser desenvolvido a partir das narrativas. Embora estejamos teorizando sobre uma metodologia de aula para adultos, os cruzamentos que provocamos em nossas aulas são frutos de estudos aprofundados realizados em nossas pesquisas, pelo grupo de pesquisa e através de nossas investigações individuais, experiências que, quando sistematizadas, contribuem para a conscientização das aprendizagens presentes nas vidas dos professores em formação.

O segundo princípio para interpretar uma experiência em seu potencial educativo, segundo Dewey (2011) é a interação, atribuindo iguais direitos às condições objetivas e internas da experiência. A sistematização de tais experiências, frutos de nossas pesquisas (LOURO; TEIXEIRA; RECK, 2016; LOURO, 2016; TEIXEIRA; LOURO, 2014, LOURO, 2013), torna possível o desenvolvimento da “improvisação metodológica” que tratamos nesse escrito, lembrando-se da concepção de improvisação trazida por Koellreutter, uma atividade organizada, com objetivos claros e momentos devidamente planejados.

Assim, buscando provocar tal conscientização, planejamos atividades objetivas que se baseiam nos movimentos internos que as diferentes experiências podem causar nos acadêmicos: escolhas, caminhos, saber-fazer, novas interpretações e, talvez o mais importante, o tornar-se sujeito de sua própria formação.

Sistematizando este processo, Dewey (2011) une os conceitos de situação, interação e continuidade considerando-os inseparáveis uns dos outros:

Uma experiência é sempre o que é por causa de uma transação acontecendo

entre um indivíduo e o que, no momento, constitui seu ambiente. Se esse ambiente consiste em pessoas com as quais ele esteja conversando sobre algum tópico ou acontecimento, o assunto da conversa também faz parte da situação [...] O ambiente é, em outras palavras, quaisquer condições em interação com necessidades pessoais, desejos, propósitos e capacidades de criar a experiência que se está passando. (p. 45).

A proposta metodológica em questão desencadeia este movimento já que, compartilhando histórias de vida no grupo, a experiência toma novas proporções podendo provocar reflexões não só para si, mas para o restante dos ouvintes da narrativa. Outra dimensão dessa transação encontra-se no fato de que, enquanto trabalhamos a partir de experiências, também poderemos estar provocando novas experiências.

Na próxima parte do relato apresentaremos, resumidamente, nossas experiências com a improvisação metodológica no ensino superior.

Improvisação metodológica: treze anos de experiências em uma universidade do Sul do país; novas perspectivas para uma universidade do Norte do país

Por treze anos foi experimentada esta metodologia

Este trecho se refere à experiência da autora 2 enquanto professora em uma universidade do Sul do país. Tal universidade se localiza no interior de um dos estados e tem um curso de Licenciatura Plena em Música desde 1996. Muitos de seus alunos provêm de cidades de pequeno porte e têm pouca experiência formal com música anterior à sua graduação. No entanto, o curso possui professores de renome nacional e internacional e tem tido alunos com destaque também nos cenários nacionais e internacionais, esses últimos mais ligados aos bacharelados. Adota-se a primeira pessoa do singular para relatar esse percurso.

Quando do meu regresso do doutorado em 2004, passei a vislumbrar como a abordagem de cunho (auto)biográfico da minha pesquisa de doutorado poderia ser pensada enquanto metodologia para o ensino superior. Uma primeira tentativa foi feita naquele primeiro ano numa disciplina de Pesquisa em Educação Musical e relatada em uma publicação com a bolsista de Iniciação Científica (LOURO, MEDEIROS, 2004). Esta direção das disciplinas sobre pesquisa em Educação Musical foi explorada ao longo dos anos em diversos formatos e

disciplinas que estão relatadas em diferentes publicações (LOURO, 2013), (LOURO, 2016) e (RECK; LOURO; BERNARDO; CORDEIRO, 2016). A improvisação metodológica se encontrava presente, pois era a partir das experiências dos professores em formação, tanto de vida, como com música e também enquanto professores, que eram articulados os conhecimentos sobre processos de pesquisa que almejava alcançar. Assim se caracterizando como uma improvisação cujas bases eram os autores que seriam revisados se configurando enquanto uma improvisação planejada (BRITO, 2011). Desta forma, os professores em formação relatavam as suas diversas experiências e eu buscava fazer uma interface entre estas e os autores que estávamos lendo buscando direcionar as suas ambições de pesquisa.

Ao longo dos anos, orientei Iniciação Científica no mestrado e no doutorado. A maior presença da improvisação metodológica se destacou, para mim, durante as orientações de iniciação científica. Exemplo disso está na pesquisa sobre ambientes religiosos, nos quais cada professor em formação fazia diários de aula de seus ensaios e apresentações dos grupos musicais das igrejas as quais participavam, cabendo a mim e ao meu colega interpretar as suas experiências. Nossa revisão de literatura sobre música e religião era a espinha dorsal e as experiências deles relatadas nos diários nos levavam à improvisação. (LOURO; TEIXEIRA; RECK. 2016).

Concomitante a isso ocorreu um trabalho junto à disciplina de Práticas Educativas, que no atual currículo busca dar experiências de ensino, geralmente em ambientes diferentes da escola regular, complementando o estágio curricular. Nessas disciplinas trabalhei com os diários de aula e os dilemas a partir de Zabalza (2004). Tipicamente, os professores em formação traziam seus diários e a improvisação metodológica constituía-se em encontrar autores e problematizações para cada situação tornando a escrita dos diários mais reflexiva. A espinha dorsal se mantinha pelo conceito de dilema que era comum a todos os diários. Esta experiência que se transformou em pesquisa foi relatada em artigo (LOURO, 2008).

Finalmente, houve também uma experiência interessante junto à disciplina Práticas Instrumentais: flauta doce. Como muitos alunos têm pouca experiência formal com música anterior à universidade, existe um planejamento no currículo para que eles escolham entre flauta doce, percussão ou violão e comecem esta disciplina no primeiro semestre. Nos anos

mais recentes não tinha ministrado disciplinas de práticas musicais, mas o departamento teve uma necessidade e me chamou, pois o professor que ministrava tal disciplina teve um problema pessoal. Assim, havia um planejamento da utilização de um método inicial para flauta doce. Descobri, no entanto, que a turma, que tinha quatro pessoas, possuía níveis muito diversos e fui desafiada a dar aulas para pessoas que tinham técnicas muito diferentes. Naquele momento, me lembrei da improvisação metodológica e essa levou à improvisação musical. A solução foi improvisar com as alunas a partir de arranjos para os níveis diferentes e com muito diálogo sobre as suas experiências musicais anteriores, que apesar de não serem formais eram muito significativas. Somando-se a isso, alguns percalços na disciplina acabaram sendo uma experiência interessante. Nela, o método era a espinha dorsal e a improvisação era feita em cima das minhas experiências musicais e das alunas. O relato dessa pesquisa, feita a partir de diários de aula, está em um livro sobre professores de instrumento do nosso grupo de pesquisa (LOURO, 2017).

Um novo contexto; novas perspectivas

Referindo-se às particularidades de uma universidade do Norte do país, este trecho relata a recente experiência docente da autora 1. O Curso de Licenciatura em Música, contexto deste relato, localiza-se em uma universidade da capital de um dos estados. Com pouco mais de quatro anos, atende à demanda da região, carente de profissionais licenciados em música. Opto em utilizar a primeira pessoa do singular para dar continuidade a esta parte do texto.

Na graduação, acadêmica da referida universidade do Sul do país, tive a oportunidade de participar, enquanto aluna, de disciplinas que fizeram uso da improvisação metodológica descrita neste estudo. Contando e recontando minha história de vida, compreendi minha formação e configurei os primeiros passos como pesquisadora. Reconhecendo a relevância científica das pesquisas (auto)biográficas, escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso (ALMEIDA, 2013) e dissertação de mestrado (ALMEIDA, 2016) tendo como dados para análise as narrativas de professores de música.

Recentemente, em 2017, ingressei no quadro de professores do magistério superior e atravessei o país para exercer a profissão. Deparei-me com um contexto social e cultural diferentes de onde recebi grande parte da minha formação docente. Entre as particularidades, o perfil dos discentes foi a que mais me desafiou. Uma parte dos alunos já atua como professor de música sem formação superior, outros optam pelo curso para obterem uma formação musical inicial, há, ainda, os que veem a graduação como um sonho, sem pretensões profissionais e, em minoria estão, os que querem ser professores de música.

Logo constatei a importância de conhecê-los e busquei compreender suas diferentes aspirações a partir de histórias de vida. A oportunidade de desenvolver a improvisação metodológica ocorreu em uma disciplina de iniciação à pesquisa. Depois de estudar sua ementa, busquei articular temáticas presentes nas narrativas dos discentes a discussões e estudos relevantes do campo da Educação Musical, movimento diferenciado da improvisação metodológica desenvolvido pela autora 2. Ou seja, enquanto a autora 2 recorreu à base teórica para a improvisação metodológica, eu optei em trabalhar com várias bases para a improvisação, embora tenha encontrado histórias de vida com temáticas semelhantes.

Por viver um momento de reformulação curricular no curso, somadas às diferenças de contexto, à demanda da região e aos perfis dos acadêmicos, planejei as aulas da disciplina partindo das narrativas sobre experiências com a música e com o ensino da música relatadas pelos alunos. A partir desta aproximação, sugeri a escrita de Biografias Educativas (DOMINICÉ, 2000) e, destacadas as temáticas recorrentes, pesquisei autores que pudessem fundamentar essas experiências. Depois de apresentar leituras que dialogaram com as biografias educativas, objetivei um desenvolvimento dessas narrativas para possíveis temas de pesquisa. No momento da escrita deste relato, estamos discutindo os cruzamentos entre narrativas e estudos teóricos nas aulas. Futuramente, os próprios acadêmicos pesquisarão por novas leituras capazes de estudar as narrativas.

Hoje, depois de viver a improvisação metodológica enquanto aluna e, embora recente, enquanto professora, estou escrevendo minha tese de doutorado buscando fundamentar

teoricamente o que a autora 2 desenvolveu ao longo de treze anos de experiência, somadas às minhas contribuições e inovações voltadas para o contexto do Norte do país.

Considerações

Esse relato refere-se a duas experiências em contextos distintos. O que aproximou os espaços foi o desenvolvimento da “improvisação metodológica” para o ensino superior, tema de nossa pesquisa atual (tese de doutorado da autora 1 orientada pela autora 2). Acharmos necessária a escuta e partilha de histórias de vida no contexto do ensino superior em música, tendo em vista que os acadêmicos experienciaram suas formações musicais em ambientes diversificados. Foi possível, em ambos os casos, construir os conhecimentos propostos pelas disciplinas tomando tanto a teoria (autora 2) quanto as narrativas (autora 1) como base para tal improvisação metodológica.

A utilização de “narrativas de si” possibilitou uma aproximação com a experiência pré-teórica dos alunos. Com isso, acessamos os “horizontes de significado”, aquilo que fez sentido para os acadêmicos através de uma escuta do que eles narraram. A improvisação metodológica, com este intuito, passa por um minucioso planejamento (BRITO, 2011), visando a escuta de cada um e da turma como um todo.

Considerando a pluralidade de significações e apropriações das experiências musicais dos alunos para desenvolver novos conhecimentos, apresentamos uma possibilidade para atender aos desafios do mundo complexo em que vivemos. Nesta direção, as teorias do cotidiano nos deram subsídios para que fosse possível desenvolver a metodologia através de uma abertura para o desconhecido presente nas várias “narrativas de si” ouvidas e dialogadas com outras histórias. Também, o processo reflexivo sobre essas histórias, em uma perspectiva (auto)biográfica permeou a aquisição de importantes competências e habilidades para o docente, entre elas: o autoconhecimento, a abertura para o diferente, a escuta, a constante avaliação, a consideração do outro em sua própria história, a pesquisa e a escrita.

Referências

ALMEIDA, Jéssica de. **Quando em dois somos muitos**: histórias de vida dialogadas e a atuação do professor de música na educação básica. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

ALMEIDA, Jéssica de. **Aulas de Guitarra Elétrica para Crianças**: perspectivas de professores de Erechim (RS). 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter Educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2011.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DOMINICÉ, P. **Learning from our lives**: using educational biographies with adults. Tradução de Alan Knox. São Francisco: Jossey Bass, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Traduzido por: Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: **Horizontes**, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Traduzido por: CLÁUDIO, J; FERREIRA, J. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2004.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Tradução de Jusamara Souza. **Revista Em Pauta**. v. 11. n. 16/17, 2000.

LOURO, Ana Lúcia. Reflexão narrativa sobre ensino de instrumentos musicais: diários de aulas de flauta doce IN: LOURO, Ana Lúcia; TEIXEIRA, Ziliane; MOTA, Lucius. **Professores de instrumento**: desafios e propostas para um mundo em movimento, 2017 (no prelo).

LOURO, Ana Lúcia. Repertórios musicais, práticas pedagógicas e temas de pesquisa: reflexões sobre ensino de pesquisa e música dentro de uma abordagem (auto)biográfica. **Revista da Fundarte**, v. 31, p. 8-26, 2016.

LOURO, Ana Lúcia; TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira; RECK, André Müller. Pesquisa em Música: reflexões sobre memórias musicais e dimensões da “experiência de si”. **Revista Digital do LAV**, v. 9, p. 89-102, 2016.

LOURO, Ana Lúcia. Improvisando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre a 'narrativa de si' na pesquisa em Educação Musical. **Educere et Educare (Impresso)**, v. 8, p. 479-497, 2013.

LOURO, Ana Lúcia. Cartas de licenciandos em música: (re)contando o vivido para centrar a aula no aluno. **Revista da ABEM**, v. 20, p. 63-68, 2008

LOURO, Ana Lúcia; MEDEIROS, Maria Augusta. Pesquisando a partir de si mesmos: algumas narrativas de alunos de licenciatura em música. **Expressão (Santa Maria)**, Santa Maria, v. 1, n. 2, p. 140-143, 2004.

RECK, André Müller; LOURO, Ana Lúcia de Marques e; BERNARDO, Maryanna; CORDEIRO, Laura. Formação de professores de música: diários de aula em ambientes religiosos cristãos. In: XVII Encontro Regional da ABEM Sul, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2016.

SOUZA, Jusamara. Cotidiano, sociologia e Educação Musical: experiências no ensino superior de Música. In: LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara (Orgs.). **Educação Musical, Cotidiano e Ensino Superior**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.

TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira; LOURO, Ana Lúcia. Memórias Musicais: momentos “charneiras” nas narrativas de acadêmicos em dança. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: BioGraph, 2014. v. 1. p. 2531-2540.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.